

SOCIOLOGIA CLÍNICA E INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Norma Takeuti
Professora-pesquisadora DCS-PPGCS-UFRN

Marlos Alves Bezerra
Professor-pesquisador DEPSI-UFRN

RESUMO

Relato de experiência junto a um coletivo jovem (Associação Posse Lelo Melodia – Guarapes/Natal) a partir da pesquisa-intervenção que conta, no seu eixo empírico, com um dispositivo de abordagem biográfica. Levando-se em conta o dinamismo cultural (articulado ao político), identificado em algumas “periferias urbanas” das grandes cidades brasileiras, onde se faz presente um movimento cultural juvenil (hip hop), a nossa abordagem em campo se desenvolve, entre outras metodologias, através de oficinas de histórias de vida em coletividade – Pobreza, Jovens e Resistências, desde 2007. Temáticas contempladas: dinâmica cultural e política dos jovens e interesses comunitários; processo de pesquisa-intervenção e a co-construção de saberes; questão da demanda e implicação e sua relação com a “escuta clínica” e a “escuta da pesquisa”; produção de novas subjetividades juvenis.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção; sociologia clínica; abordagem biográfica; construção de saberes.

Introdução

A pesquisa-extensão universitária que desenvolvemos possui um histórico de 15 anos no espaço acadêmico das Ciências Sociais/UFRN e possui três momentos-chaves, encadeados entre si. Atualmente, as pesquisas são desenvolvidas no interior do Grupo de Estudos Cultura e Subjetividades-Poiesis/UFRN. O foco dessa pesquisa tem sido o segmento juvenil das camadas mais pobres da sociedade brasileira sendo que, no eixo da extensão universitária (ou intervenção socioclínica), tem-se, particularmente, privilegiado a população juvenil da Zona Oeste da cidade do Natal/RN constituída em torno de um movimento social, associação ou grupos. Quanto à abordagem teórica que sustenta essa pesquisa-intervenção é a Sociologia Clínica, da qual teceremos alguns comentários, mais abaixo.

Num primeiro momento de nossa pesquisa (1996-2000), foram contemplados os bairros Km6 e Quintas para desenvolvermos um estudo centrado na questão da violência. Esta se constituía, para determinados grupos de jovens (“galeras ou turmas de rua ou de bairro”) da cidade, um vetor estruturante de suas relações na sociedade, bem como do seu processo de subjetivação. O relato de experiência de pesquisa-intervenção, bem como a análise teórica que leva em conta diversos processos sociais (de exclusão social, de discriminação social, de privação social e emocional de jovens adolescentes pertencentes a espaços segregados da sociedade brasileira) encontra-se na obra “No outro lado do espelho- A fratura social e as pulsões juvenis” (TAKEUTI, 2002).

Num segundo momento, situado entre 2002-2005, desenvolvemos trabalhos de extensão universitária, sempre na abordagem da Sociologia Clínica, junto a um projeto social, denominado Fórum Engenho de Sonhos. Tal projeto tinha como objetivo explicitado para todos os seus membros e colaboradores o “combate à pobreza com o protagonismo juvenil”. Sua composição inicial envolvia: a Fundação Kelloggs (financiador do projeto); 11 instituições não governamentais (ONGs atuantes no segmento juvenil na Zona Oeste de Natal); a UFRN; e jovens de cinco bairros dessa mesma região, interpelados a vir ocupar a posição de “protagonistas” do projeto social. Esse projeto foi para nós pesquisadores um grande “portal” de experimentação coletiva (DELEUZE, 1995). Esse foi o período em que pudemos observar, cada vez mais, jovens e grupos isolados organizarem-se em experiências de redes juvenis, associando-se a projetos sociais e a ONGs atuantes na área de seu interesse. Começava a se esboçar aquilo que, mais tarde, pudemos melhor entender sob a noção de resistência social a qual vai ganhar um novo fôlego de análise, no momento seguinte.

Um terceiro momento de retomada da pesquisa-intervenção ganha impulso a partir de 2007, em torno de uma parceria com dois coletivos jovens: a Associação Posse Lelo Melodia do bairro de Guarapes e a Associação de Jovens Construindo Sonhos do bairro Felipe Camarão. Novas oficinas de reflexão-ação são pensadas, juntamente com os próprios jovens em diversos seminários, originando-se, em 2007, um projeto de extensão universitária – as Oficinas de histórias de vida em coletividade – Pobreza, Jovens e Resistências, com foco exclusivo em Guarapes.

Via extensão universitária, procurou-se nutrir as pesquisas (de docentes, bem como de doutorandos e mestrados), ao mesmo tempo em que estas alimentavam as reflexões no eixo da intervenção socioclínica. Essa articulação entre pesquisa e extensão universitária veio possibilitar um repensar das práticas, das metodologias e das metas,

tanto dos grupos participantes como dos pesquisadores. O presente texto abordará, particularmente, essa experiência que se inaugura no terceiro momento.

A título de introdução, cabe, ainda, ressaltar que a temática da “violência juvenil” não é mais, nas pesquisas atuais (dos docentes e discentes do grupo de estudos cultura e subjetividade-Poiesis), um dado prévio de análise, como o foi no primeiro momento, na década de 1990. O essencial da pesquisa-intervenção, a partir desse terceiro momento, passa pela análise das novas experiências juvenis (múltiplas, considerando-se que elas brotam em várias partes das sociedades contemporâneas) que se apóiam em atividades culturais, artísticas e esportivas. E, mais importante, pelas experiências de determinados coletivos jovens, através dos quais se podem observar atitudes ou práticas políticas. Práticas inventivas que se fazem presentes, com maior ou menor intensidade segundo a localidade do espaço denominado “periferias”¹, e que parecem conter, virtualmente, propostas de outras formas de existência social para jovens que estiveram destinados, num longo processo sociohistórico, à rejeição social na sociedade brasileira.

Tendo em vista esses deslocamentos temáticos e, sobretudo, essa transformação no agir dos jovens das “periferias”, revisamos o escopo do nosso projeto de pesquisa-intervenção que passou a se intitular Pobreza, jovens, inventividades e resistências sociais, desde 2008.

Artigos (TAKEUTI, 2008, 2009a, 2010a, 2010b) capítulos de livro (TAKEUTI e NIEWIADOMSKI, 2009; TAKEUTI e BEZERRA, 2009) e uma tese de doutoramento (BEZERRA, 2009) foram, então, sendo realizados, no sentido de divulgar essa experiência acadêmico-científica em vários espaços acadêmicos e extra-acadêmicos.

Os Jovens-parceiros

Os jovens, tornados parceiros desse processo de pesquisa-intervenção, sempre são identificados pelos seus nomes porque assim o desejam e são considerados verdadeiros co-autores dessa produção acadêmica, bem como, na medida do possível, co-autores das produções escritas dos pesquisadores. Os membros parceiros principais e constantes tem sido: **Adriana** Carla da Silva, **Mauro** Reginaldo da Rocha, **Edcelmo** Bezerra da Silva, **Eliênio** Ângelo Duarte, Fagner José de Andrade (**Camaleão**), Josinaldo Vicente de Souza (**Pick**) e Pedro Paulo Santana de Lima (**PP**). Outros jovens têm participado desse processo, de maneira mais tópica, segundo as atividades que são desenvolvidas.

Todos eles habitam em Guarapes, um bairro considerado como o lugar de maior risco social da cidade. Se houve alguma mudança nessa localidade, para a sociedade natalense, nada mudou. No imaginário social local persiste a representação de que se trata de um lugar habitado por “pobres, excluídos e miseráveis” e por toda sorte de “marginais perigosos”. Essa identidade atribuída em bloco aos moradores desse bairro lhes acarreta sérios constrangimentos de acesso ao trabalho, à educação, às instituições

¹ O termo “periferia”, sempre entre aspas, segue o uso corrente do senso comum e, principalmente, leva em consideração o termo enquanto um atributo caro a certos coletivos e indivíduos (tais como, os “agitadores culturais”) envolvidos em acontecimentos, eventos ou movimentos culturais. Em textos anteriores, explicamos o quanto esse “conceito” tornou-se caro para certos ativistas os quais utilizam o termo para significar que a assunção do “ser periférico” se apresenta como a condição de possibilidade de um “agir consciente dentro e fora da comunidade e em prol dela”. (ver TAKEUTI, 2010b).

diversas e aos espaços públicos. Problemas de discriminação, segregação e estigmatização sociais encontram-se melhor desenvolvidos em outra obra anterior nossa (TAKEUTI, 2002).

É no interior desse cenário que os jovens implicados na pesquisa-intervenção se movimentam com certa inventividade para, não apenas sobreviver num meio precário, mas principalmente para encontrar modos alternativos de ultrapassagem desse confinamento geográfico, cognitivo, social e cultural. Dos jovens suburbanos brasileiros, ainda mais quando pertencem a um espaço social demasiadamente desqualificado, só se fala de suas “mazelas e violências”. Nesse sentido, o trabalho por nós realizado nesse espaço, assim como a divulgação da experiência, faz parte de um esforço – enquanto intelectuais e pesquisadores sociais – em contribuir para a visibilidade social de práticas alternativas e inventivas que se espriam em localidades que permanecem atravessadas pela idéia de desvalor. Geralmente suas “atitudes” ou respostas aos problemas que enfrentam são vistas como aquelas que brotam da fome, da carência e faltas; devendo enfrentar simultaneamente as condições objetivas da produção de suas existências e os atravessamentos subjetivos como a vergonha social (GAULEJAC, 2006) engendrada pela pertença a um bairro altamente estigmatizado. Ou ainda, como efeito de um habitus social (conforme BOURDIEU, 1983) que o predispõe à violência e crimes.

Observamos, nessa última década, em algumas partes do país, que alguns grupos juvenis vêm emergindo das “neblinas da morte e da violência” e se impondo, cada vez mais, como uma minoria social ou como quem se orienta para um devir-minoritário² (DELEUZE; GUATTARI, 1995), primeiramente, com visibilidade em seu próprio território de pertença e, em seguida, em outras partes da sociedade onde intentam abrir “brechas” necessárias para a produção de uma subjetividade não mais capturada pelo princípio do desvalor humano. Por que não abordar sob a ótica de que há chances de emergência de novos fluxos de vida brotando num território, desde sempre, considerado unicamente sob o prisma das pulsões de morte?

Essas considerações nos remetem, no plano acadêmico, a rever e a reler a vida das populações desses territórios, sempre consideradas “marginais”, com novos projetores teóricos, a exemplo do que Guattari (1986) propõe: passar a considerar os pontos de ruptura nas estruturas sociais e os esboços de problemática nova no campo da economia desejante coletiva como a parte mais viva, a mais móvel das coletividades humanas nas suas tentativas de encontrar respostas às mudanças nas estruturas sociais e materiais. (GUATTARI, 1986, p. 46). Enfim, o que propõe este autor é de que passemos a ler certas “efervescências ou turbilhões sociais” como uma espécie de experimentação social na marra, vindo sinalizar novas modalidades de organização da subjetividade coletiva.

Dentre as efervescências culturais atualmente, identificamos o hip hop, como uma dinâmica que tem conseguido mobilizar jovens das “periferias” em novos desafios – para além das performances musicais e artísticas, um desempenho político. Não se trata de todo o universo do dito “movimento cultural hip hop” que só no Brasil conta com duas grandes associações ao nível nacional, mas de determinados grupos culturais que têm se

² *Devir-minoritário* é uma saída das redundâncias dominantes (GUATTARI&ROLNIK, 1985). No que estamos observando, esses jovens ativistas do *hip hop* almejam um *devir-minoritário* na recusa do “ser marginalizado”.

empenhado em direção a uma atuação mais política que diga respeito à população juvenil brasileira.

Justamente, quando no final da década de 1990, os rappers Racionais MC's surgiram na cena nacional, com propostas, para populações marginalizadas das grandes metrópoles brasileiras, de novas "atitudes" e "maneiras de ser e fazer", eles produziram um efeito sobre esses jovens. Podemos perceber alguns efeitos inesperados produzidos pelo hip hop na forma de novas maneiras de ver, ouvir, sentir e pensar. Ao nível local, não foi diferente para jovens como Amaury, Pepe, Edcelmo, Eliênio, Adriana e ainda tantos outros...

Eles criaram o seu próprio grupo de rap, o GPS – Grupo Periférico Suburbano. Passaram a poder vivenciar novas experiências para além daquelas que já conheciam: a das "errâncias", de brigas, de passagens pela polícia, de porte de armas ou de uso de droga; em trilhas semelhantes de seus irmãos, parentes ou amigos da geração precedente. O hip hop veio lhes abrir oportunidades de experimentação não só de variadas expressões através da música, dança, poesia, grafite, literatura, videoclipe e esportes, mas também, de deslocamentos (não só físicos, como também cognitivos), indicando oportunidades para outras vivências. Poder realizar experiências de subjetivação coletiva – experimentações em universos dantes desconhecidos. Poder sair de impasses repetitivos, re-singularizar-se a partir de encontros de afetação entre heterogêneos – cada um, podendo concorrer com sua singular experiência, conhecimento ou saberes adquiridos em outros platôs ou universos.

A partir de então e do que se achava colocado em seu horizonte, os jovens em pauta começaram a "pensar grande"! Circunscritos em seu próprio bairro de pertença, quiseram começar a pensar em como atuar em prol da sua comunidade. Começaram a arquitetar planos, quiseram concorrer aos editais de projetos sociais, sentiram necessidade de um trabalho mais sistemático para pôr em planos tudo aquilo que sentiam que podiam fazer. Uma passagem por um fórum social local – Engenho de Sonhos³ – lhes havia valido aquisição de conhecimentos e de práticas nesse campo dos projetos sociais. Mas, ainda, precisavam se munir de muitas ferramentas...

A oportunidade para um trabalho do grupo, do qual eles mal entendiam o que seria o seu conteúdo, lhes surge com a chegada de Marlos A. Bezerra, em 2006, que acabara de se inscrever no doutorado de Ciências Sociais da UFRN (sob orientação de Norma Takeuti) e que procurava eleger os jovens como um dos grupos focais de sua pesquisa. O que chamamos de terceiro momento de todo o nosso processo de pesquisa-intervenção, nesses 15 anos, começava nesse encontro do doutorando e do grupo. Ademais, o grupo jovem já havia constituído uma associação que denominaram Posse Lelo Melodia, agrupando diversos grupos de hip hop do bairro. Quanto à orientadora, ela não permanece unicamente em sua posição de orientação acadêmica e decide mergulhar nesse universo que lhe parecia, por demais, instigante.

³ Conforme caracterizamos inicialmente, um projeto, mas também uma rede social articulada em nível regional, nacional e até internacional articulando com intenso intercâmbio entre alguns grupos e redes que partilhavam experiências no campo da juventude.

Pressupostos e “Contratualização” de um processo de intervenção socioclínica

Os pressupostos de intervenção da sociologia clínica coadunam com o espírito da extensão universitária que vem pautando uma grande quantidade de práticas no país sob o signo da “pesquisa-participante”, “pesquisa-ação”, “intervenção crítica na realidade”, em diversas áreas do conhecimento. Não teríamos tempo de analisar no quadro deste artigo o contexto no qual essas preocupações emergem⁴. Pontuaremos, no entanto, alguns pressupostos que são norteadores de nossa prática extensionista, sabendo de sua convergência com pressupostos que balizam outras práticas em curso na extensão do país.

1) **Não há hierarquias no saber:** Importa reposicionar a discussão inerente da produção de saber entendendo a pluralidade de saberes envolvidos: os provenientes do universo acadêmico e os fundados na experiência viva da cotidianidade. Os sujeitos participantes das ações de extensão são ouvidos a partir daquilo que estruturam enquanto saberes oriundos da riqueza de suas experimentações, das astúcias (CERTEAU, 1994) e inventividades que se tecem na complexidade do cotidiano. O aporte socioclínico leva em conta, inclusive os ideários dos sujeitos que realizam o processo de intervenção e como eles os descentram de uma pretensa posição de neutralidade científica.

2) **Intervenção e pesquisa como momentos indissociáveis:** Importa reposicionar a discussão inerente da produção de saber entendendo a pluralidade de saberes envolvidos: os provenientes do universo acadêmico e os fundados na experiência viva da cotidianidade (os saberes práticos). A pesquisa e intervenção são momentos entrelaçados e indissociáveis na prática extensionista, a partir de uma perspectiva da sociologia clínica. Vimos delineando em todas as partes do texto e aqui o fazemos mais explicitamente: na abordagem da sociologia clínica é perfeitamente possível a construção de uma postura de um clínico-pesquisador que efetua o questionamento do conhecimento que ele mesmo produz e favorece a apropriação deste pelos sujeitos, os grupos e instituições perante os quais intervém. A pesquisa pode assim ser tratada com uma práxis social. Nesse ponto, resgatamos o dilema epistemológico de um saber que se pensa a si mesmo historicamente a partir da intervenção. O conhecimento é co-produzido com os sujeitos da pesquisa e, simultaneamente, vinculado às situações reais e às vivências desses mesmos sujeitos. Em adição a isso, estamos tratando aqui de um “conhecimento-ação” entendido como uma práxis social. Uma práxis que pode e deve tornar-se politicamente interessada.

3) **A compreensão não é uma simples questão metodológica:** A busca da compreensão ultrapassa o simples modo metodológico de conhecimento. A perspectiva socioclínica mergulha no desvelamento do sentido⁵, sendo esse processo indissociável das relações com os outros. Há a intenção e aposta de que os sujeitos possam se situar no registro do compartilhamento do(s) sentido(s) alcançado(s) ou desejado(s) conjuntamente.

4) **A intervenção não é uma terapia, mas preocupa-se em clarificar as injunções e contradições de sujeitos e coletivos:** A intervenção socioclínica pode

⁴ Uma reflexão sobre isso pode ser encontrada em “Desafios da abordagem socioclínica” (TAKEUTI, 2009).

⁵ Ver, sobretudo, o capítulo primeiro de Takeuti (2002) para essa discussão.

assumir um caráter terapeutizante, ao propor dispositivos de “trabalhos de si” (individual e/ou coletivo), mas não se propõe, em primeira instância, a esse tipo de trabalho; digamos que o trabalho pode gerar um tal “efeito”. Queremos dizer que o processo de intervenção tem a preocupação de garantir um espaço privilegiado de reflexão, no qual os sujeitos possam pensar a si mesmos enquanto pessoa, grupo ou instituição. Trata-se de garantir uma dinâmica de trabalho para que os participantes tenham a possibilidade de recentrar em seus objetivos, clarificando melhor para si e para o outro aquilo que os afeta intensamente na vida social; finalmente, um lugar para (des)construir representações e discursos, bem como re-significar suas relações com o mundo social.

5) **Reflexão no lugar da “cura”**. O que nos interessa sublinhar é que uma intervenção inspirada na sociologia clínica não buscará a “resolução dos conflitos”, a “cura”, a “pacificação” de sujeitos e grupos. Ao contrário, tais posturas por mais bem intencionadas acabam resvalando em matrizes conceituais ideológicas que se distanciam realmente de uma perspectiva de autonomização de sujeitos e coletivos. O que é perseguido, em nosso trabalho, é um processo de comprometimento entre os sujeitos. Isto é, que os participantes possam buscar os meios de saída para a sua situação de “fechamento”⁶, através da possibilidade de pensar, de figurar formas outras de ser e atuar no mundo, para além daquilo que é dado, para além das expectativas sociais vigentes.

Tais pressupostos delineados não pretendem uma caracterização exaustiva da sociologia clínica. Intencionamos deixar explícito alguns dos norteamentos que balizam nossa postura no campo da extensão. E como esses pressupostos funcionaram ao nível da experiência concretas com os jovens no bairro dos Guarapes? É o que pretendemos ilustrar com a narrativa a seguir da “contratualização” de nossa prática de intervenção.

Os jovens vieram ao encontro⁷ ávidos de respostas às indagações relativas às suas ações, assim como vieram com uma demanda específica dirigida aos pesquisadores – de produzir um portfólio do grupo para compor o dossiê dos editais de projetos sociais. Por sua vez, os pesquisadores também estavam com muita expectativa quanto aos frutos a serem colhidos desse encontro, uma vez que estavam enveredando por novos caminhos teóricos. A questão da demanda dos jovens foi fundamental para o estabelecimento dos primeiros rapports entre os jovens e os pesquisadores. Para estes, a existência da demanda e sua explicitação é uma problemática essencial da pesquisa-intervenção.

Sabemos que uma demanda só pode, no início, ser explicitada até certo ponto, pois, na realidade, ela vai se clarificando no curso do processo de interação entre o grupo e os pesquisadores, ou melhor, vai se abrindo para novas dimensões de demanda. Contudo, para o início de um trabalho, certo nível de explicitação era necessário, assim como o desejo de implicação de todos – do grupo e dos pesquisadores – é ponto fundamental para o início dos trabalhos. A hipótese é que com o desejo a palavra irrompe mais facilmente e não só pode haver no grupo um lugar para a ressonância do sentido, como pode ser favorecida a receptividade às proposições de associações de sentidos. De imediato, os jovens manifestavam o desejo de elaboração biográfica, bem como o desejo

⁶ Os termos em itálicos são inspirados em Castoriadis (1986).

⁷ *Encontro* é, aqui, tomado no sentido deleuziano (DELEUZE, 2006), isto é, como um *acontecimento* no qual uns e outros *se afetam*, produzindo derivações que se convertem em experiências inusitadas

de uma maior plasticidade (de si e do grupo) que redundassem no seu aperfeiçoamento de competências social e política.

De todo modo, o processo de clarificação da demanda (dos desejos!) não foi tão evidente: no início, antes de qualquer coisa, “era necessário produzir um portfólio do grupo para facilitar o acesso a financiamentos de projetos sociais”, assim pensavam eles. Havia algumas questões que precisavam ganhar clareza, no grupo: como nos apresentarmos, perguntavam-se eles, enquanto um coletivo que já possuía uma trajetória significativa? Somos só um movimento cultural e estético e/ou “atores políticos em construção”? Que ação é essa, a nossa? O que pretendemos sob os planos pessoal, grupal, familiar, profissional, comunitário e societal? Qual é o sentido da ação do coletivo, tendo em vista nossas trajetórias de vida e o cenário atual brasileiro e o do mundo? A demanda instrumental e o desejo de aprender (“aprender o que?”) imbricavam-se em meio a essas incertezas e indagações múltiplas.

Por sua vez, os pesquisadores se viram diante do “assalto” de algumas indagações incontornáveis: como o dispositivo de intervenção almejado poderia contribuir para que os jovens pudessem adquirir maior competência social (BOURDIEU, 1983) nas suas tentativas de encontrar vias de saída para sua existência social que não mais subsuma a vida de faltas materiais, sociais e culturais e a violências? Onde está o limite do trabalho de intervenção? Como conciliar diversas ordens de demanda presentes, desde o compreender melhor o que se passa na “interioridade” de cada um, passando pelo que o grupo vive no plano de suas relações grupais e de suas relações estabelecidas na comunidade e na sociedade, até àquilo que reporta às exigências operativas na obtenção de financiamentos de projetos sociais? De que maneira “trabalhar” aquilo que bem expressam e mal “enxergam” no interior do redemoinho de tantas contradições (de ordem pessoal, social, cultural e ideológica) que lhes atravessam? Algumas dessas questões teriam que ser englobadas, no desenrolar dos trabalhos através de um dispositivo metodológico de intervenção. Outras figurariam no nosso horizonte como questões que interpelavam reflexões profundas, de ordem mais filosófica.

Foram necessárias várias reuniões para refinar idéias e articular, de um lado, a proposta dos pesquisadores, na ótica de produção de um conhecimento científico engajado politicamente; e de outro, a proposta do grupo jovem no tocante às suas ações, ora visando o movimento cultural, ora pivotando em torno da idéia de “uma política” a ser construída na Associação Posse Lelo Melodia, de forma encadeada com os interesses da própria comunidade. Muitos vai-e-vem em meio a um turbilhão de novas idéias e projetos sociais em embrião, uns já abortados, outros muito acalentados... Para efeito da pesquisa, essas reuniões eram valiosas, como momento de “coleta de dados”, entretanto, o objetivo da pesquisa-intervenção ultrapassava amplamente esse mero meio de produção de dados.

A rodada de negociação quanto aos objetivos e finalidades apresentados por pesquisadores e por jovens vai, enfim, se refletir no “contrato” de reciprocidade, claramente explicitado: os primeiros teriam que manter o lugar de suporte legítimo – intelectual e institucional no campo da ciência – a fim de favorecer a reflexão necessária do grupo jovem em suas ações, de maneira que eles pudessem contribuir no

desenvolvimento comunitário e na sua visibilidade social⁸. Quanto aos jovens, eles se colocariam numa posição em que contribuiriam para a produção do conhecimento científico na qualidade de co-produtores.

O desenrolar do processo de intervenção

Comentaremos, a seguir, o desenvolvimento de uma das oficinas: a de histórias de vida em coletividade que teve como objetivo trabalhar as seguintes dimensões: a trajetória de vida dos jovens e seus engajamentos em fóruns sociais de maior expressão política no campo juvenil, centrando a reflexão em seus dados pessoais, familiares e da comunidade de pertença, bem como nas experiências “juvenis” vividas conjuntamente entre os membros do grupo, articulando-os com suas tentativas de “cavar” maiores espaços de participação cultural e política.

No âmbito dessa oficina, foram realizadas de 6 (seis) sessões, às quais se agregam as incontáveis reuniões de regulação e preparação, para a construção de acordos, formatos das sessões, disponibilidade, duração, periodicidade, participação, frequência, local etc. Note-se que as informações que detemos desse grupo não se resumem aos dados que emergem nas oficinas. Nossos contatos prévios, conversas na casa de um ou outro, caminhadas pelo bairro, reuniões informais, enfim, todos esses momentos constituem-se em preciosos instantes nos quais os pesquisadores fazem imersão no cotidiano dos jovens.

Técnicas expressivas foram usadas nas sessões de trabalho, como suporte de facilitação dos relatos: privilegiadamente, o desenho individual e coletivo, a modelagem em argila e as fotos produzidas em sessões anteriores e a experimentação da escrita. Se as técnicas expressivas têm o seu mérito, o acolhimento e a relação de confiança mútua e o desejo de aprender – inclusive o dos pesquisadores – funcionaram como suporte privilegiado para a emergência das proposições de sentido que iam se “abrindo-estilhaçando-recompondo” paulatinamente.

Utilizou-se o suporte “linha da vida” para se explorar o tema Trajetórias individuais e coletivas dos jovens (momentos marcantes “positivos e negativos” de suas histórias de vida). Em outro momento, lançou-se mão do uso da palavra pelo compartilhamento de relato de cada um: cada tentativa de elaboração individual era enriquecida a partir de intervenções e interpelações dos colegas, sempre de forma acolhedora, na intencionalidade de um compartilhamento dos sentidos alcançados ou desejados conjuntamente. Outro suporte eleito: a modelagem em argila, onde o pensamento sobre as contradições e conflitos no desejo de reconhecimento familiar, comunitário e social ia conduzindo o trabalho manual de cada um. Fotos dos trabalhos iam sendo produzidos para serem utilizadas em sessões ulteriores. No trabalho a partir de imagens, também se recorreu à produção de desenho a partir da qual os participantes iam construindo suas narrativas de vida. O uso da palavra individual e do grupo era intercalado com as expressões não-verbais. Quanto aos pesquisadores, a conduta era muito menos de interpretar que de levá-los a associações que pudessem religar ou reunir os elementos da narrativa contados de modo mais fragmentado.

⁸ O desejo e a necessidade de visibilidade social do grupo e da comunidade em sua “nova versão” diziam respeito, de um lado, a um trabalho biográfico do grupo jovem e de sua comunidade (eventualmente, a ser publicado); de outro, a uma autorização deles para que os pesquisadores pudessem publicar resultados de suas pesquisas (tese, artigos, obras).

Enfim, num dado momento do processo, sob o suporte dos dados sistematizados pelos pesquisadores, os participantes se sentiam capazes de não só identificar, mas de encadear: aspectos, momentos, situações ou acontecimentos considerados, por cada um, como significativo na sua trajetória de vida; as mudanças de perspectivas, bem como perspectivas de mudanças nas relações com outros e consigo próprio, a partir dos conteúdos trabalhados nas sessões anteriores; bem como, o sentido e a conexão desses conteúdos com os projetos coletivos pensados. Nesse momento, derivavam-se, a partir dos relatos individuais, grandes temas significativos com importante eco para o grupo.

Importante observar que o trabalho sempre transcorreu sob o clima da disponibilidade e implicação de todos. Tão logo se iniciavam os exercícios, estabelecia-se o clima de cumplicidade e confiança mútua, sobretudo no momento da escuta de relatos individuais. O sentimento grupal é de haver laços firmes entre si, forjados na trajetória social local, fazendo de suas histórias individuais uma história coletiva imbricada.

O pressuposto de trabalho no dispositivo era ter como central o sentido que o jovem encontrasse para aquilo que ele estivesse narrando, a partir do seu vivido. Ou seja, o que realmente se considerava “verdadeiro” era o que ia sendo definido pelo seu saber (sobre si, seu grupo, sua família, sua comunidade, sua sociedade e suas relações sociais) em construção, para si e para os outros com quem ele compartilha no dispositivo a sua palavra em circulação. Trabalhávamos sob a hipótese de que essa circulação de palavras, suscitando ressonâncias uns nos outros – “para sermos outro”, como diria Deleuze (2006) – promoveria pensamentos inimaginados a serem circulados como algo lhes fazendo sentido. Espaço e momento, sem dúvida, de abertura para um outro devir jovem⁹.

O saber que está sendo produzido é aquilo que os sujeitos refletem do seu “material de vida”, aquilo que é carregado de significação para si e para o seu coletivo. Diferente dos relatos do não sabido nos quais os sujeitos testemunham um saber “sem poderem se apropriar dele”, reduzindo-se ao mero papel de “locatários e não os [de] proprietários do seu próprio saber-fazer” (CERTEAU, 1994, p. 140-145). Nesse dispositivo, os jovens vão se apropriar desse saber que lhes pertence, pela produção oral ou escrita de uma narrativa própria. É possível dizer ainda que o relato “instaura uma caminhada (‘guia’) e passa através (‘transgride’)”, (CERTEAU, 1994, p. 215)

Sem dúvida, ao se engajarem num dispositivo de pesquisa que privilegia práticas de narrativas de vida, os jovens não deixam de se inscrever na “urgência” que leva os indivíduos contemporâneos à “busca de respostas significativas à representação de si, do outro e do mundo” (GIUST-DESPRAIRIES, 2000, p. 91). O ato de se engajar num processo narrativo, explica esta autora, é ditado pela “imperiosa necessidade de produzir e de construir sentido para si” (idem) nesse mundo desmantelado de referências coletivas consistentes e sustentadoras das identidades dos indivíduos (ao menos, assim o fora no passado). É apelando à sua subjetividade que o indivíduo tenta encontrar sentido para a sua existência social num mundo pleno de insensatez.

⁹ “Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não-preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população”. (DELEUZE, 1995, p.11)

No espaço da intervenção, os jovens constroem “cenários” ativando seus relatos, apoiados por alguns suportes metodológicos, como vimos acima: desenho, argila, traçados de linhas de vida... Neles, são atores centrais de sofrimentos, conflitos e tragédias, que se abatem sobre as pessoas de sua comunidade, tanto de sua própria geração como as da anterior, bem como daqueles que virão após sua geração. Muitos sofrimentos contidos vêm à tona... Para acabar com esses sofrimentos precisam “fazer algo”. E os relatos incorporam já esse “fazer algo”, que emerge, também, misturando-se aos acontecimentos reais, isto é, confundindo-se com elementos da própria realidade. São “cenaristas” que criam e recriam os cenários de sua própria vida, indiferenciando a temporalidade dos fatos acontecidos e a acontecer. Colocam em enredo diversos elementos de suas vidas compartilhadas e a compartilhar, na situação de adversidade que é a única certeza que possuem, num horizonte povoado de inseguranças e incertezas. Nesse espaço de “arrombamento de si e do outro”, onde se escutam e se entre-escutam, e em meio a questionamentos, sustos, gracejos e indagações sobre a vida do outro e a sua própria, vai se produzindo um trabalho de elaboração coletivo, se assim podemos dizer. No fluir das emoções e no pulsar do pensamento, um sentido vai se construindo nesse espaço subjetivo comum.

É nesse trabalho que uma memória comum partilhada, contada e recontada (e reelaborada) vai se constituindo, como num romance, com enredo único para todos, a ponto de “não se saber mais quem é o autor”, como dizia o jovem Amauri, no momento da decisão de quem ficará à frente desta ou aquela temática na escrita biográfica que poderia um dia vir a ser publicada. Tal experiência une-os num sentimento de pertença “para o que der e vier”. Os sete participantes (fixos) e mais uns quatro a cinco que gravitam em torno do dispositivo esporadicamente se sentiram mais encorajados e revitalizados para estarem à frente do seu movimento hip hop, inclusive, para diferenciá-los de outros movimentos do gênero “que só pensam na música e dança e não têm propostas políticas”, conforme eles próprios auto-avaliam. Com isso, eles sentem estarem se apropriando de uma história coletiva, na qual são verdadeiros protagonistas juvenis, mesmo quando se defrontam, muitas vezes, com sentimentos de frustração por não conseguirem “tocar” eficazmente seus projetos ou quando há “baixas” no grupo devido aos conflitos internos ou devido ao trabalho que leva uns e outros para longe.

Por uma arte de pesquisa

Pensamos que esse encontro, entre jovens e pesquisadores, constitui-se num momento de convergência de sensibilidades e de pulsações de pensamento que se demitem de um tipo de representação que faz da “periferia” somente o lócus da pobreza material, intelectual, psicológica, simbólica e cultural.

Isso traz um diferencial na abordagem a biográfica cuja essencialidade não está na história que passou, mas que está irredutivelmente ligada a um devir. Se a abordagem não traz novidades quanto ao dispositivo em si – técnicas e métodos das sessões – ela traz uma sutil distinção nos planos epistemológico e ontológico da pesquisa. Há um deslocamento nesses planos cuja sutileza não se expressa na aparência metodológica, muito próxima a tantas outras, mas na maneira de se situar no próprio campo de pesquisa-intervenção: “expurgados” de qualquer intencionalidade de atingir um estado de

coisas e nos movendo nos mil platôs¹⁰ onde o informe, ou melhor, o devir-outro¹¹, é a nossa única certeza. Se as biografias rememoram, elas também celebram um algo que não se sabe o que será. Só se sabe que não poderá ser “isso” que foi, até hoje, para si e as gerações anteriores, no esquecimento social e no sofrimento imposto.

Se no início deste texto, mencionamos um cenário em movimento da “periferia” brasileira (restando aqui completar que ela se move num cenário global altamente ativado, nesses últimos tempos, devido aos avanços tecnológicos e informacionais)¹² e, também, os deslocamentos na trajetória de vida desse coletivo jovem, é para mostrar a importância dessas dimensões na própria maneira de nos situarmos no campo empírico e de conceber um dispositivo de intervenção ou de extensão universitária.

Por fim, proporemos uma mudança na forma de questionar o desafio dos jovens destinados sempre a serem “sucatas” sociais. Geralmente, indagações (na sociedade e também em certos lugares acadêmicos) se fazem sob a ideia exclusiva de obtenção de um padrão de vida melhor (geralmente subsumida na ideia de ganhos materiais e inclusão no mercado de consumos de bens materiais). Não se trata de descartar esse plano; pois, estamos tratando de indivíduos de uma sociedade contemporânea ocidental que se move na lógica do trabalho e consumo. Evidentemente, esse plano material é tão desejado tanto quanto o é por qualquer pessoa nesta sociedade de trabalho e de consumo. Porém, de imediato, mais do que perguntar se houve melhoria do ponto de vista material na vida desses jovens¹³, a questão primordial que nos parece importante fazer é o que mudou em suas maneiras de lidar com o mundo e com os eternos problemas que os assolam no dia-a-dia na pobreza.

Por fim, trabalhamos nas trilhas da ideia de que emerge nova subjetividade, nesses espaços sociais cuja existência humana é marcada pela ideia de desvalor. Estamos, atualmente, tentando clarificar em que, do ponto de vista teórico, compreendemos essa subjetividade que se produz em meio precário sob tantos prismas, mas que gradualmente os faz lidar de modo diferente – com certa inventividade em suas atitudes, ações, atos e palavras – os mesmos problemas de sempre do cotidiano de suas vidas.

¹⁰ Essa noção designa uma *multiplicidade conceitual*, para Deleuze e Guattari. *Mil platôs* se desenvolvem em *linhas*, isto é, em movimentos heterogêneos operando segmentações (binárias, circulares e lineares), duras ou flexíveis, constituindo dimensões molares ou moleculares, e fugas criadoras, tudo em perpétua coexistência e interpenetração.

¹¹ Tanto Deleuze, como Foucault, destacam a nossa relação com essa *novidade* e esse *acontecimento original*, e salientam o tipo de conexões que buscamos com esse *devir-outro*, isto é, com aquilo que chamam de *parte inatural* de uma realidade ordinária de experimentações. “Pensar é sempre experimentar, não interpretar, mas experimentar, e a experimentação é sempre atual, o nascente, o novo, o que está em vias de se fazer” (DELEUZE, 1992, p. 210).

¹² Textos anteriores (TAKEUTI, 2009a, 2010b) trazem maiores detalhes sobre o que pesquisamos dessa “periferia” em ebulição.

¹³ Esta é sempre a primeira questão que emerge nas discussões em certos fóruns acadêmicos ou outros: Eles conseguiram se recuperar? Conseguiram emprego? Trabalho? Integraram-se na sociedade? Fortificaram seu Ego?...

Referências Bibliográficas:

BEZERRA, M. A. Tecendo os fios da rede: juventude e produção de si em projetos sociais. Natal: UFRN, 2009(tese).

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
CASTORIADIS, C. A instituição imaginária da sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982, 1ª edição. 1986, 2ª edição.

CERTEAU, M. de. A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, G. Conversações. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. v 1.

_____. Lógica do sentido. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2006.

GAULEJAC, V. As origens da vergonha. São Paulo: Via lettera, 2006.

GUATTARI, F. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. Micropolítica – Cartografias do desejo, Petrópolis: Vozes, 1985.

GIUST-DESPRAIRIES, F. Raconter sa vie: la quête ontologique du sujet contemporain. In: GAULEJAC V. de; LEVY, A. (Org.). Récits de vie et histoire sociale. Paris: Ed. ESKA, 2000. p. 89-101.

TAKEUTI, N. M. No outro lado espelho: a fratura social e as pulsões juvenis. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

_____. Corpos em movimento no hip hop e devir jovem. In: Práticas de formação, memória e pesquisa (auto) biográfica, V. L. GASPARD DA SILVA e J. L. da CUNHA (Orgs.), pp. 75-92. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

_____. Refazendo a margem pela arte e política. In: Revista Nômadas, n^o. 32. ,pp. 13-25, abril/2010. Bogotá: Instituto de Estudos Sociais Contemporâneos – Universidad Central.

_____. Movimentos culturais juvenis nas “periferias” e inventividades sociais. In: América Latina e Brasil em perspectiva, P. H. MARTINS e R. de S. MEDEIROS (Orgs.), pp. 331-350. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

_____. Desafios da abordagem socioclínica e biográfica no contexto sociocultural e político brasileiro. In: Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas, N. M. TAKEUTI e C. NIEVIADOMSKI (Orgs.), pp. 74-94 Porto Alegre: Sulinas, 2009.

_____. Saberes em construção: coletivo jovem em formação na sua resistência social. In: (Auto) biografia: formação, territórios e saberes, M. da C. PASSEGGI e E. C. de SOUZA (Orgs.), pp. 203-221. Natl: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

TAKEUTI, N. M. e BEZERRA, M. A. Trajetórias de um coletivo jovem: nem só de prática-Gramática da Ira. In: Reinvenções do sujeito social – teorias e práticas biográficas, N. M. TAKEUTI e C. NIEWIADOMSKI (Orgs.), pp. 105-125. Porto Alegre: Sulinas, 2009.